

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

CANUTO, Carla de Paula . Carla de Paula Canuto (depoimento, 2018). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 17min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Carla de Paula Canuto
(depoimento, 2018)**

Rio de Janeiro

2021

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): João Marcelo Ehlert Maia;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 13/08/2018

Duração: 1h 17min

Arquivo digital - áudio: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Ciência Social em tempos difíceis: novas configurações do trabalho intelectual no Brasil”, desenvolvido pelo pesquisador João Marcelo Ehlert Maia, com financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) com período de vigência entre abril de 2016 e abril de 2019.

Temas: Ciências Sociais; Duque de Caxias; Ensino público; Ensino religioso; Formação acadêmica; Formação profissional; Pós - graduação; Vida cotidiana;

Sumário

Entrevista: 13.08.2018

A graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); a experiência profissional no Estado do Rio de Janeiro; a decisão pela Sociologia; as experiências na complementação em licenciatura do curso; o estágio supervisionado em Xerém; a cadeira de Ensino Religioso assumida; os impactos da formação em Ciências Sociais nas aulas de Ensino Religioso; as primeiras aulas de Sociologia na rede pública estadual de Duque de Caxias; o conflito de gerações com alunos mais velhos da escola; os materiais e aulas no início da disciplinarização de Sociologia no ensino básico; a rotina de trabalho da entrevistada; a rotina de preparação das aulas; o planejamento pedagógico anual realizado; as dinâmicas utilizadas em sala de aula para a aprendizagem de tópicos de sociologia; a troca de experiências com outros professores de Sociologia; a utilização da bibliografia da graduação na elaboração das aulas; a mudança das aulas de Sociologia após a implementação do currículo mínimo; reflexões sobre os livros didáticos como políticas públicas; a atualização dos materiais usados na aula de Sociologia; o processo de avaliação; a correção das avaliações; as atividades mais gratificantes e mais penosas no cotidiano escolar; a prestação de contas à coordenação pedagógica; as reuniões com a equipe de coordenação; práticas positivas e negativas ao longo da carreira docente; a relação entre a Sociologia aprendida no ensino superior e ensinada no ensino básico; a formação continuada na pós-graduação; a utilização de livros didáticos de Sociologia em Xerém; a conciliação entre as atividades da pesquisa na pós-graduação com o trabalho; as dificuldades de retomada da escrita acadêmica; a transformação da sua monografia em artigo; hábitos fora das salas de aula; o uso de redes sociais; reflexões sobre o que gostaria de fazer como professora e socióloga.

Entrevista: 13.08.2018

João Maia – Hoje é dia 13 de agosto, entrevista com a professora Carla de Paula Canuto. Carla, muito obrigada por ter vindo, aceitado o convite. A primeira pergunta que eu faço para todo mundo é: onde e quando você estudou Ciências Sociais?

Carla Canuto – Eu estudei na UFRJ. Eu fiz o bacharelado lá e a licenciatura, eu terminei em 2000.

J.M. – E o Bacharelado? Você entrou em 1995, 1996...

C.C. – Então, foi assim, eu terminei em 2000 o bacharelado. Como eu já trabalhava na ocasião, eu levei aqueles dois anos de complementação em licenciatura, então, eu completei tudo em 2002 na UFRJ mesmo.

J.M. – Você trabalhava com o quê na época?

C.C. – Eu já era funcionária pública, mas agente administrativo, eu tinha uma matrícula administrativa.

J.M. – Você trabalhava no estado?

C.C. – Sim, em colégio. Eu era agente de pessoal da escola.

J.M. – E desde quando?

C.C. – Olha, há bastante tempo.

J.M. – Você já tinha uma experiência profissional grande?

C.C. – Sim, já... há bastante tempo, só que eu tenho que lembrar a data da agente administrativo.

J.M. – Isso você pode acrescentar depois, sem problemas. E você era formada em algum curso superior?

C.C. – Não, só no Ensino Médio.

J.M. – E o que te levou a fazer Sociologia depois de todo esse tempo?

C.C. – Então, o meu Ensino Médio foi naquele estilo aonde tinha a formação geral separada da formação técnica. Então, eu fiz uma espécie de técnico em Informática, na época chamava Processamento de dados. E eu pensava...porque eu gostava até de Matemática, eu gostava das matérias específicas, Estatística. Quando eu pensei em fazer o vestibular, eu custei a me decidir em quê. Eu era uma jovem indecisa, como muitos que tem hoje. E aí eu fiz o vestibular na ocasião para Informática, fiz também para Administração, mas aí eu não passei, no meu segundo eu também não passei, eu só passei no vestibular no terceiro ano que eu fiz.

Eu percebi que eu gostava de Ciências Sociais, porque todas as palestras que eu ia...eu participava, participo ainda, de um segmento da Igreja Católica mais progressista, então,

essas palestras, esses seminários que eu participava as formações daqueles que estavam dando as palestras eram cientistas políticos, antropólogos, sociólogos, basicamente formados em Ciências da Religião, e eu gostava disso. E eu também lia livros nessa área. E quando eu entrei na faculdade, eu entrei no curso de Letras. Fiz um período em Letras, eu até gostei, mas aí por conta do Latim e do Grego, eu não me identifiquei. E aí no mesmo ano eu fiz o vestibular para Ciências Sociais e aí foi onde eu passei. E aí logo no primeiro período, eu gostei e completei o curso, feliz, me identifiquei com o curso.

J.M. – Você fez, então, a licenciatura que era uma complementação pedagógica, não era um curso à parte como é hoje.

C.C. – Isso, nem sonhava em ter licenciatura à noite, por exemplo. Hoje tem o curso de licenciatura à noite. Não tinha isso, minha formação foi toda de manhã.

J.M. – E como é que foi tua experiência na licenciatura? Você gostou?

C.C. – Sim, eu gostei. Eu pensei até que a licenciatura seria uma coisa light, leve, sem muitas preocupações, responsabilidades. Pensei que o bacharelado é que contava. Quando eu fui fazer a licenciatura, eu pedi já dispensa de Sociologia da Educação, porque eu já tinha feito uma matéria parecida no bacharelado. Só que a licenciatura não tinha no IFCS, eu tinha que ir à Praia Vermelha e aí lá completar com aquelas matérias que eram específicas de licenciatura. A minha professora de orientação de estágio, eu já tinha essa pretensão de ser professora, ela abriu um leque para eu puxar outras disciplinas na área da Geografia e na área da História para eu completar também a licenciatura em História e Geografia. Eu não ia ter o diploma de História e Geografia, mas no histórico escolar mostra lá que eu também sou licenciada em História e Geografia, porque eu fiz horas de estágio nessas duas disciplinas, fora o estágio em Sociologia.

J.M. – Em qual colégio você fez o estágio supervisionado?

C.C. – Era pra eu fazer no Pedro II ou no Aplicação, só que eu já morava longe, porque eu moro em Xerém, aonde eu também trabalho hoje e aonde eu trabalhava na época. Aí conversando com a professora se ela me liberava para eu fazer o estágio lá em Xerém, porque eu já trabalhava, ia ser um transtorno muito grande se ela exigisse que eu fizesse lá no Aplicação, na Lagoa, ou em qualquer unidade do Pedro II. Eu ia ter que fazer caso fosse uma exigência, mas aí ela entendeu. Ela falou: “Então, você vai fazer o seu estágio lá em Xerém desde que a professora que esteja dando aula seja também formada em Sociologia...”, não podia estar dando aula de Sociologia e ser de outra disciplina, “...e eu vou lá um dia assistir a sua aula”. Assim foi combinado. Na verdade, eu dei aula, dei

aula não, estágio, em duas escolas diferentes, mas também disciplinas diferentes, lá mesmo em Xerém. E ela não foi, porque não deu pra ela ir.

J.M. – E como é que ela te avaliou?

C.C. – Eu sei que ela ligava pra professora de Sociologia; de História e de Geografia, ela não ligava, não. Mas essa de Sociologia, ela ligava para saber como eu estava. Ela me avaliou numa aula padrão que eu tive que organizar e dar aula mesmo para os meus colegas com ela presente. E aí ela assistiu à aula padrão, fazia pergunta como se fosse aluna. Foi assim.

J.M. – Legal. Em 2002, você se formou em licenciatura em Ciências Sociais. Como é que foi essa passagem pra ser professora? Você fez concurso? Foi logo depois da sua formatura?

C.C. – Foi, não demorou muito pra eu fazer concurso. Antes de sair o concurso de Sociologia, eu fiz um concurso pra ser professora de Ensino Religioso, porque teve uma época aqui no estado do Rio de Janeiro que teve dois concursos para professor de Ensino Religioso. Eu fui do primeiro concurso e um dos critérios era você ser formada em qualquer curso superior, ter qualquer licenciatura, e você ter um engajamento na Igreja da denominação que era aceito lá no concurso. E como eu era católica, aí eu tinha essa carta que eu participava e tinha a licenciatura em Ciências Sociais, aí eu passei nesse concurso. A minha segunda matrícula no estado que foi de fato de Sociologia. Aí eu fiz outro concurso e fiquei com essas duas matrículas, de Ensino Religioso e de Sociologia.

J.M. – E quanto tempo você deu aula de Ensino Religioso? Você ainda ficou bastante tempo dando aula?

C.C. – Bastante tempo, sei lá, uns seis anos, sete. Mas isso eu vou confirmar com você, eu não sou muito boa de datas.

J.M. – Não tem problema.

C.C. – E o Ensino Religioso no estado do Rio de Janeiro sempre teve problemas. O problema não era eu dando aula e saber qual era o meu papel ali que não era, no caso, católico, por exemplo, não era um segmento da catequese; era um outro objetivo. Então, eles logo autorizaram os professores de Ensino Religioso a também darem aula da sua disciplina. Então, eu tinha seis tempos de Ensino Religioso e seis tempos de Sociologia na matrícula de Ensino Religioso. Como o Ensino Religioso também era opcional, era um tempo só de aula, então, eu até gostava, porque aí eu pegava as turmas de terceiro ano de Ensino Médio, na época eram dois tempos de Sociologia. Era uma maneira

também de eu melhorar a minha condição de trabalho em sala de aula, porque um tempo na sala de aula é muito corrido. É surreal você ter condição de dar a sua aula, alcançar objetivos com um tempo de aula só.

J.M. – E o fato de você ser formada em Ciências Sociais impactou na sua atuação como professora de Ensino Religioso? Você acha que você dava uma aula diferente dos seus outros colegas que não eram formados em Ciências Sociais? Teve alguma influência?

C.C. – Não, não me acho melhor nem pior, porque eu sou formada em Ciências Sociais, porque lá em Caxias, onde eu dava aula, tinha reuniões de 15 em 15 dias com os professores de várias denominações, onde a gente podia trocar. Então, embora católica, tinha o segmento evangélico, tinha o pessoal de uma igreja lá de São Paulo, que agora eu esqueci o nome, e a gente trocava muita experiência, atividades.

Hoje eu sei que o Ensino Religioso está diferente, porque eu saí do Ensino Religioso, mas não me achei melhor nem pior por ser formada em Ciências Sociais. É óbvio que, com as Ciências Sociais, a gente problematiza mais, isso é importante, tem essa noção de que a gente tem uma identidade católica, mas na sala de aula você tem que estar aberta a várias visões, porque não eram só alunos católicos que estavam na sala de aula, tinha optantes de outras denominações também. Aí eu acho que eu só não tenho esse julgamento de valor tão grande, justamente, por conta desses encontros inter-religiosos com outros professores que a gente trocava atividades, dúvidas, porque qual era o medo? As pessoas seguirem as suas tendências religiosas.

J.M. – Proselitismo.

C.C. – É, isso. E com esses encontros isso ficava menos.

J.M. – Ah, legal.

C.C. – É, eu gostava.

J.M. – E você como professora de Sociologia, como é que foi seu início? Qual era a escola? Era em Caxias? Qual era o nome?

C.C. – Eu dei aula no início num CIEP, mas fiquei lá só dois meses, foi só para assumir a matrícula, porque eles chamaram no final do ano, em outubro, foi só para concluir o ano letivo. Era no CIEP 120. Posso até ver se é esse CIEP mesmo, era no Jardim Primavera. O início foi difícil, porque como eu cheguei lá no final do ano, os alunos não aceitaram muito bem as aulas de Sociologia. Porque, pô, o ano todo sem a disciplina e aí cai de paraquedas uma professora lá na sala pra dar aula. Então, eles ficaram um tempo...nem assistiam à minha aula. Numa turma de 30 alunos, se tinha dois na sala de aula era muito. Até eles perceberem que eu estava ali pra dar aula pra terminar o ano

letivo com eles e eles tinham que frequentar demorou um pouco. Mas aí quando eles chegaram, eu comecei a dar aula, eu começava a aula sempre falando sobre senso comum, senso crítico, essa questão de ver a sociedade de uma maneira mais reflexiva. Então, teve isso, mas essa experiência eu nem...

J.M. – Nem conta tanto. Qual foi a primeira que pra você contou mesmo?

C.C. – A primeira que contou foi...foram em duas escolas. Uma chamada Colégio Estadual Hervalina Diniz, uma escola pequena, e a outra, que eu dou aula até hoje, é o Colégio Estadual Círculo Operário.

J.M. – Ambas em Caxias?

C.C. – Ambas em Caxias, quarto distrito, sendo que esse Colégio Hervalina, eu não dou aula mais.

J.M. – E como é que foram essas duas experiências pra valer?

C.C. – Eu gostei, foram boas. Eu sempre dei aula de manhã, de tarde e de noite, mas não todos os dias. Como eu era muito jovem, à noite tinha um público mais adulto, hoje o perfil está diferenciado, mas nessa época o perfil era esse de ter mais adultos, então, quando a gente falava sobre socialização, por exemplo, senso comum e senso crítico, a questão da convivência humana, quando eu puxava alguns temas, alguns na sala de aula às vezes duvidavam daquilo, questionavam, entrava a questão religiosa também, porque esse quarto distrito é um predomínio dos protestantes muito grande, mas numa segunda, terceira aula, eu sabia que melhorava, porque eles mesmos iam pra casa, pesquisavam tudo aquilo que eu falava pra ver se era isso ou se era aquilo.

J.M. – Ah, faziam isso?

C.C. – Faziam. Aí quando voltavam, eles já voltavam sabendo que aquele era o caminho mesmo que eu estava seguindo, que aquela era a matéria que eu tinha que dar, mas eu acho que isso surgiu, justamente, porque eram adultos e tinha esse conflito de idades.

J.M. – “Quem é essa menina que está vindo falar essas coisas?”

C.C. – É, “o que é isso?”. E como Sociologia não é uma disciplina que eles têm, isso eu falo de primeiro ano do Ensino Médio, eles nunca tiveram contato e quando a gente começa a problematizar uma série de coisas, principalmente, essa questão que a convivência humana é importante, se a gente não tiver a convivência humana, a gente não desenvolve os hábitos humanos. Essa questão para eles era uma questão bem grande. A questão também sobre política. Política sempre causa polêmica, porque como no Brasil a política é ligada à corrupção, ligada à coisa suja, ligada à gente que não

presta, o senso comum liga muito isso, quando a gente mostra que a política é mais do que a política partidária, tem a ver com a participação cidadã, causa estranheza também. Mas, bom, quando saiu o currículo mínimo de 2012 pra cá, eu sigo o currículo mínimo com aqueles temas, desenvolvo ali o livro.

J.M. – Exatamente o que eu ia te perguntar. Você começou a dar a aula numa época que nem tinha ainda quase que a obrigatoriedade, tinha pouco material sobre isso, o que você seguia para montar suas aulas? Que tipo de recomendação? Como é que era isso?

C.C. – Não tinha o currículo mínimo, tinha alguns livros na época, mas não esses livros aprovados pelo PNLD [Programa Nacional do Livro Didático], porque isso é mais recente ainda. Então, tinha os livros, só que eu não usava o livro, porque os alunos não compravam, então, a gente montava apostila com alguns temas importantes, mas aí importantes pra quem? Importantes pra mim, porque não tinha nenhum...nessa escola que eu dei aula só tinha eu de professora de Sociologia, então, não tinha outro colega pra gente conversar.

J.M. – Você que decidia.

C.C. – Eu que decidia. Atualmente não, nessa escola que eu dou aula nós já temos quatro professores, então, a gente pode conversar a respeito, mas também já tem o currículo mínimo, já tem os livros. Mas nessa época que não tinha isso, eu que decidia, então, eu lembrava da minha formação, porém tinha que diminuir bastante, tinha aquele livro¹ do Peter Berger...

J.M. – A perspectiva sociológica.

C.C. – É, esse mesmo. Eu mesma fiz tipo um resumo desse livro e eu sempre começava as minhas aulas no primeiro bimestre um pouco a partir desse livro, porque diferenciava o papel do sociólogo com o papel de tantos outros profissionais. Então, esse livro pra mim para o primeiro bimestre, como conhecer o que é a Sociologia, porque o primeiro bimestre eu sempre passo o que é a Sociologia, para que serve e diferenciar das outras disciplinas, isso eu sempre fiz.

J.M. – Você usava textos?

C.C. – Antes do currículo mínimo.

J.M. – Mas você usava textos pequenos ou era mais você falando?

C.C. – Textos pequenos, no máximo frente e verso da folha. Por exemplo, esse livro que eu estou falando que eu usava no primeiro bimestre, eu mesma fiz um resumo daquilo

¹ BERGER, Peter L. *Perspectivas Sociológicas* – uma visão humanística. Petrópolis: Vozes.

que eu considerava, eu fazia uma síntese e distribuía pra eles. Se o colégio desse condições para tirar cópia pra todos os alunos, tudo bem; se não tirava 20 cópias, trabalhava em dupla, recolhia a folha, ia para outra sala, distribuía o mesmo texto. Mas trabalhava com bastante texto.

J.M. – Depois desse primeiro bimestre, o que você fazia no resto? Você apresentava conceitos?

C.C. – Sim, então, primeiro bimestre eu fazia isso. Antes dos livros, antes de tudo, né?

J.M. – Você mencionou a questão da socialização.

C.C. – Essa questão de socialização, senso comum, tudo é primeiro bimestre. Depois, nos outros bimestres, eu gostava de apresentar os clássicos, até hoje.

J.M. – Marx...

C.C. – É. Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim. Gostava de apresentar qual é o ponto de cada um. Por exemplo, a questão do trabalho de Karl Marx, mais-valia. A questão de Émile Durkheim, fato social, trabalhava com isso. E Marx e Webber a questão das relações sociais, ação social, trabalhava com isso. E nos outros bimestres mais para o fim, a gente pegava temas atuais pra ver como a gente aplica a Sociologia em temas atuais como violência, criminalidade era um tema que a gente abordava, trabalho era outro tema que a gente gostava de abordar.

J.M. – Você fazia isso na época com textinhos que você produzia ou pegava de textos já existentes de algum autor? Como você fazia?

C.C. – Pegava de textos que já existiam. Eu podia tirar xerox e entregar a eles. Se o texto era muito grande, eu mesma fazia a síntese pra eles.

J.M. – Max Weber, provavelmente, você dava um resuminho.

C.C. – Sim, um resumo que talvez já tivesse em algum livro desses, aí eu lia e aquele que eu achava melhor, eu dava pra eles. Só que aí dependendo do tamanho, eu passava no quadro, não precisava dar a folha pra eles. Só dava a folha quando era uma coisa maior, mais complexa.

J.M. – Na tua rotina, você dava aula de segunda a sexta?

C.C. – Segunda a sexta, mas só um ano que eu trabalhei o dia todo: manhã, tarde e noite.

J.M. – Depois eram só períodos?

C.C. – Períodos. Eu sempre gostei de trabalhar manhã e tarde, tarde e noite.

J.M. – Ter uma sequência, né?

C.C. – É, no início da carreira, a gente não pode escolher muito, mas de uns tempos pra cá, por exemplo, segunda-feira eu não trabalho, já há bastante que eu não trabalho.

J.M. – E naquela época quando é que você preparava as aulas? Qual tempo você usava? Fim de semana?

C.C. – Naquela época, geralmente, à noite, eu preparava a aula, domingo, preparava a aula. Hoje, como eu tenho a segunda-feira livre, normalmente, eu preparo às segundas.

J.M. – Sempre em casa?

C.C. – Sempre em casa. Na escola eu não tenho condição nenhuma de preparar nada. Não sei se tem professor que consegue.

J.M. – Mas você não tem como.

C.C. – Não, na escola preparar aula não tem como. A não ser se tiver alguma reunião de equipe, às vezes tem, mas é coisa rara também reunião de equipe em escola. Nós tivemos uma há pouco tempo. Aí sim, os professores se reúnem e a gente pode conversar alguma coisa a respeito, mas é coisa rara reunião, porque as pessoas têm horários diferentes, funções diferentes, tem outros empregos. Na escola é difícil eu preparar aula, eu preparo em casa mesmo. Na época, no final de semana e, quando tinha aula, à noite.

J.M. – Mas aí você tinha que fazer todo um planejamento do semestre antes de começar? Ou você conseguia durante o semestre ir preparando a cada fim de semana ou a cada noite? Como é que você fazia?

C.C. – É um pedido padrão. Toda direção de escola, toda equipe pedagógica, no início do ano letivo pede um planejamento anual. E você coloca ali os principais temas que você vai trabalhar em cada bimestre. Isso daí é padrão e a gente tem que entregar. Agora, geralmente, eu fazia tipo “o mês”. “Nesse mês, eu vou dar...”. No bimestre, eu sabia os temas, mas a aula certinha o que eu vou fazer na introdução, se vai ter dinâmica, se vai ter folha, se vai ter música, se não vai ter música, aí eu fazia geralmente por quinzena. Tipo duas semanas preparadas, aí depois outras duas semanas preparadas.

J.M. – Então, pelo visto, você pensava em várias coisas pra aula, você mencionou “se vai ter atividade, se tem música”. Você usava música?

C.C. – O que dá certo e até hoje dá, música dá certo, porque é um recurso fácil de a gente organizar numa escola que não tem tanto recurso.

J.M. – Mais do que um vídeo.

C.C. – Mais do que um vídeo, porque um vídeo numa escola com poucos recursos é muito concorrido. Por exemplo, eu hoje só consigo passar o vídeo na sala uma vez no bimestre, porque tem um caderninho, você tem que agendar, aí você só pode usar o vídeo, sei lá, mês que vem. Você não pode dar esse vídeo semana que vem, mesmo se você quiser, então, geralmente, eu preparo hoje o vídeo uma vez por bimestre, mas música eu gosto de usar. A questão das charges, dependendo da aula, por exemplo, a questão da política, a questão do trabalho sempre tem uma charge que pode começar a aula com eles olhando aquela ilustração. Dinâmica, tipo estratificação social, um tema que a gente aborda hoje por conta do currículo mínimo, mas pra falar de desigualdade, a gente pode fazer uma dinâmica simples em sala de aula só para eles mostrarem que, dependendo da posição que você esteja, é mais fácil você ter acesso a determinados serviços ou não. Estou lembrando de uma, por isso que eu citei.

J.M. – Como é que era essa dinâmica?

C.C. – Pega um papel, uma bolinha de papel, amassa ela, os alunos estão sentados aonde estão na sala de aula, aí você joga para o aluno, ele pega a bolinha, mas aí ele tem que tacar essa bolinha dentro de uma cesta de lixo. Você dá as bolinhas pra eles, aí eles têm que tacar naquela cesta de lixo. Em tese, aqueles que estão mais perto da cesta de lixo vão ter mais facilidade de acertar a cesta do que aqueles que estão mais longe. E assim, a gente pode fazer um paralelo com a dificuldade de acesso dependendo da sua posição e aí você pode usar os clássicos. E aí a gente entra nas diferenças de estratificação para Max Weber e para Karl Marx.

J.M. – Interessante, da onde você tirou essa ideia? Você já tinha visto alguém usar?

C.C. – É, a gente troca, né? Eu fiz uma formação também que o estado ofereceu.

J.M. – Nessa época também?

C.C. – Não, depois do currículo mínimo. Depois do currículo mínimo, teve essa formação em cima do currículo mínimo. Nessa época aí sem nada era muito difícil, porque aí você não tinha contato. Essa experiência que eu estou falando...

J.M. – Você aprendeu numa...

C.C. – ...numa troca de experiências. Porque esse curso era online, uma das questões que eu acho que foi positiva do curso não foi nem o aprofundamento do tema...

J.M. – ...da Sociologia em si.

C.C. – É, não, não foi de conteúdo, foi a troca de experiências com os colegas, porque ali a gente colocava as nossas atividades, aquelas que dão certo, aquelas que não deram

certo, por quê. Aí os colegas comentavam, aí a gente aprende um monte, por exemplo, essa que eu falei. Ela é até uma dinâmica fácil de fazer.

J.M. – E quando você preparava a aula, você recorria aos textos e aos livros que você tinha da tua graduação ainda? Você tinha um arquivo em casa ou alguma coisa assim? A que você recorria? Chegava a consultar?

C.C. – Só para minha formação, porque para os alunos fica mais difícil. Esse que eu falei do Peter Berger eu até consegui fazer uma síntese. Agora, tem uns também baseados em cultura, Malinowski...esses aí, alguma coisa, algum trecho eu poderia passar para os alunos, mas é mais para a nossa formação. Para formação sim, eu posso dizer que a gente pega alguma coisa, não tudo. Por exemplo, essa questão da política, entender essa questão do Brasil colonial é importante, então, eu sempre gosto de rever algumas coisas do Pensamento Social Brasileiro, não sei, Caio Prado Jr. para falar do jeitinho brasileiro, mas para não cair no senso comum, aí vê lá...

J.M. – O homem cordial².

C.C. – É, o homem cordial. Mas só para minha formação, difícil para os alunos. Porém, hoje os livros didáticos têm essa preocupação. Eles trazem alguns autores interessantes que aí a gente pode citar, citar alguma coisa dos clássicos, mas baseado no livro, pelo menos eu faço assim. Mas trazer o clássico mesmo para sala não, só para formação.

J.M. – Você mencionou várias vezes, você já tem bastante tempo dando aula, o antes e o depois do currículo mínimo. Foi um divisor de águas?

C.C. – Para mim, sim.

J.M. – Fala um pouco sobre isso.

C.C. – Porque antes do currículo mínimo, a gente fazia o que a gente queria, não tinha um padrão. A gente se sentia sozinho, era uma coisa muito aberta. Daqueles temas todos que a gente tinha a possibilidade de abordar, a gente escolhia mais aquilo que a gente gostava, aquilo que a gente tinha mais facilidade talvez do que aquilo que talvez o aluno precisasse. O currículo mínimo também deu um padrão, por exemplo, a gente recebia um aluno de uma escola, ia transferir para aquela escola, aí a Sociologia que ele estava vendo na escola anterior não tinha nada a ver com a sua. Às vezes numa mesma escola professores poderiam estar dando Sociologia de forma diferentes, porque faltava aquela reunião, a reunião pedagógica. Então, você ficava mais nas suas vontades, naquilo que você gosta de dar, nas suas facilidades talvez. Você se acomodava também, muito. Eu

² HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras.

vejo o currículo mínimo de uma forma positiva. Tem professor que vê o currículo mínimo de uma forma negativa? Talvez sim. Eu não vejo o currículo mínimo como um colete de força que você está amarrado ali, ele orienta, te dá um caminho. Aqueles temas são muito abrangentes, você ainda tem a liberdade de abordar os temas como você acha melhor. O currículo mínimo pra mim é uma direção, embora eu tenha algumas críticas. Tanto é que nesse curso que eu participei, a gente tinha a possibilidade de fazer críticas e aí eu fiz algumas negativas ao currículo mínimo, por exemplo, no primeiro ano, temas que são muito parecidos que poderiam não ser... poderiam abordar outros que não são abordados. Fiz essa crítica. Mas o currículo mínimo pra mim hoje é um norte, é um guia, nos dá mais tranquilidade para que a gente possa fazer o nosso papel melhor.

Agora a polêmica é a base nacional comum curricular. Eu não sei a base nacional comum curricular, porque ainda não está muito claro para nós professores, porque a gente não teve participação. Porque no currículo mínimo teve uma participação dos professores da educação básica. Primeiro saiu um currículo muito extenso antes desse que a gente usa hoje, aí esse currículo muito extenso não foi muito bem aceito na rede, aí eles fizeram uma síntese desse currículo extenso, aí saiu esse que a gente usa hoje. Agora como a base nacional comum curricular está atrelada ao novo Ensino Médio está tendo rejeição por parte dos professores, mesmo a gente ainda não tendo colocado em prática, porque tem um tempo pra colocar em prática. Mas se a ideia é também dar uma orientação pode ser bem-vinda, mas se a ideia não é essa, se a ideia for empobrecer as várias áreas, aí a gente tem que ver. Os livros didáticos hoje são atrelados ao currículo mínimo.

J.M. – No caso, uma boa pergunta, os livros melhoraram muito, você usa o livro didático em sala? Ou é mais pra você preparar as suas atividades?

C.C. – Esse foi o meu trabalho da pós-graduação. O livro didático eu uso para minha preparação de aula, mas também uso em sala de aula. Quando o tema da aula aborda alguma coisa que tem no livro didático, eu peço ao aluno para trazer. Aí para eu distribuir o livro, eu tenho que dar sempre aquela noção do que é política pública, por que eles estão recebendo aquele livro, eu tenho que falar que o livro não é de graça como nada é de graça na nossa vida, tem um orçamento pesado em cima dessa política pública, pra conscientizar, pra ver se eles valorizam aquilo que eles estão recebendo.

J.M. – Você acha que funcionou?

C.C. – Se isso ajuda eles a trazerem? Pouco. A gente tem que falar sempre. Ajuda, mas não é uma coisa mágica. O que ajuda eles a levarem o livro é o seguinte: “Olha, quando eu for usar o livro didático, eu vou falar para trazer, se eu não for usar, eu falo que não é para trazer”, para eles saberem que eles só vão levar quando eu usar. E aí no final, eu atrelo a presença do livro didático a uma nota de participação, tipo, 0,5 de participação. O que tem em participação? Exercícios prontos em sala, você participar oralmente da aula. E aí como eu vou passar exercícios do livro ou vou passar uma síntese do livro ou vou pedir para eles fazerem alguma coisa relacionada ao livro, se eles não têm o livro, eles não têm a participação. Isso que faz eles levarem o livro e eu cobrar. Na aula eu tiro um tempinho da aula para ver quem tem livro, quem não tem livro, quem tem livro e quem não tem livro. Mas eu uso na sala de aula, sim, quando o tema tem no livro.

J.M. – No caso, você já tem um tempo que está seguindo o currículo mínimo, você já tem uma experiência como professora, para preparar aula hoje em dia, você ainda prepara aulas novas ou você tende a ir na experiência que você já acumulou?

C.C. – Eu tenho a experiência, mas as aulas novas precisam ter por conta dos alunos e por conta de que tem que trazer exemplos novos.

J.M. – Ah, você trabalha, principalmente, em cima disso?

C.C. – É, por exemplo, a gente está falando de movimentos sociais, eu vou pegar movimentos onde eles nem se envolveram? O livro didático até tem isso, quando você fala que o livro didático melhorou, eu vejo assim que o livro didático pode ser dos mesmos autores, se eles tiveram a preocupação de na edição nova colocarem novos exemplos, novos exercícios, é um bom livro, porque eles atualizaram aquilo; senão fica obsoleto. Por exemplo, movimentos sociais se falar das jornadas de junho de 2013, “não é por 20 centavos”, todos os alunos lembram, porque isso faz parte da história deles. Começando por isso aí, eu posso buscar outros exemplos do passado que não fazem parte da história deles. Então, quando fala assim: “Ah, você fica sempre na mesma ou você renova alguma coisa?”. Eu renovo nesse sentido em termos de exemplos e exercícios, porque a base é a mesma, a questão dos clássicos e tudo mais.

Estou falando de democracia, tem que falar de todos os clássicos e mostrar que eles mesmos falavam coisas diferentes de democracia. E aí eu tenho que falar de hoje, hoje não faz sentido você brigar com o outro... hoje a gente está numa questão de intolerância muito grande em questão de ideias diferentes, as pessoas não têm tolerância de escutar o outro, porque está falando diferente. E a gente tem que mostrar que falar de democracia, você não está falando de um conceito apenas e acabou a democracia. Você

pode abordar democracia de vários jeitos, em vários períodos históricos com vários autores. Então, para que brigar se o caminho que você pegou, talvez não seja o caminho que o outro pegou? Também faço isso.

Ou seja, a base é a mesma se a gente for pegar os clássicos, mas você renova nas outras coisas. As músicas, se eu pegar uma música muito antiga não atinge os alunos. Música tem que ter esse cuidado. Tem uma música antiga do Roberto Carlos, hoje eu nem estou trabalhando com ela, mas, por exemplo, ele gravou *É preciso saber viver*, mas se eu colocar Roberto Carlos cantando, os alunos coitados, eles ficam...não dá, eu tenho que colocar Titãs e outros, os mais modernos. Pode ser até uma música antiga, mas tem que ser de alguém novo cantando senão eles não prestam nem atenção.

J.M. – Carla, e avaliação, como é que você trabalha avaliação? Você faz prova, trabalho? Como é que você gosta de fazer?

C.C. – Sempre prova. Porém, no estado a prova não vale 10 pontos, vale só 5 pontos, metade dos pontos é a prova, é uma prova formal, objetiva. O aluno que for mal nessa prova tem direito a fazer uma recuperação dessa nota aí, desses conteúdos. E essa recuperação é um teste discursivo, aí já mudo, é discursivo; senão eles acham que a recuperação é um prêmio e não estudam pra prova como deveriam estudar, só estudam para recuperação. E os outros 5 pontos, eu sempre dou uma nota que eu digo que é de participação...

J.M. – Do livro, de participação na sala...

C.C. – É, atividades prontas, corrigidas, participação em sala de aula. Do livro tem essa questão do 0,5 ponto, mas a participação em tudo, tipo, exercícios prontos, você participar oralmente em sala de aula, se eu passar um trabalho em sala de aula e você fizer naquele dia, eu posso dar até 2 pontos aí, 1,5. E os outros 3 pontos podem ser ou um teste formal, ou então, um seminário. Bimestre passado, eu trabalhei em cima de seminários, divisão de grupos, temas diferentes e aí eles tinham que apresentar e eu poderia fazer qualquer tipo de pergunta a respeito do tema pra ver se eles estudaram ou só decoraram, qualquer um do grupo poderia responder. No primeiro bimestre, eu trabalhei um teste formal de 3 pontos. Esse bimestre vai ser um projeto interdisciplinar, aí envolve a área da natureza também, aí vão ser esses 3 pontos.

J.M. – E às vezes você tem muitas turmas, tem um monte de trabalhos para corrigir, você faz como? Vara à noite, reserva um dia inteiro pra corrigir? Como você faz?

C.C. – É um problema. Corrigir no colégio eu também não consigo, tem professor que consegue, eu não consigo, acho que porque todo mundo fica conversando. Eu corrijo

em casa, não à noite. Geralmente, se eu dou aula de manhã, eu corrijo à tarde. Domingo, eu não corrijo. Sempre assim, e agora como eu tenho às segundas, talvez, segunda. Isso os testes discursivos, mas eu não dou teste discursivo todo bimestre e um dos motivos é esse: tempo hábil.

J.M. – Tempo hábil pra você corrigir.

C.C. – É. Seminário, por exemplo, é mais fácil trabalhar com isso, porque eu dou a nota ali na hora.

J.M. – De todas as atividades que você faz como professora, sei lá, preparar a aula, lidar com aluno, corrigir, interagir com os colegas, qual você acha mais gratificante e qual você acha mais penosa?

C.C. – Para mim, estar com os alunos em sala de aula desenvolvendo o tema é o melhor. O pior é a questão administrativa, burocrática: preparar o diário, a questão das provas, você tem que entregar naquele dia a prova. Porque na escola é assim eles vão rodar a prova, você tem o dia certo que você tem que entregar aquela prova, aí você tem que levar. Agora no estado você tem que digitar a nota num determinado sistema, tem um dia certo que você tem que digitar aquela nota ali. Essa questão mais administrativa, burocrática, eu detesto.

J.M. – E isso toma muito seu tempo?

C.C. – Toma. Toma muito o meu tempo e atrapalha até, porque o meu tempo tem que ser programado para caber aí. Se eu tenho que digitar a nota...se o estado fala assim: “O professor tem uma semana para digitar e a próxima”. Até sexta-feira eu tenho que ter fechado todas as minhas avaliações, tudo o que eu pensei para o bimestre eu tenho que ter fechado. Não é nem mais o conselho de classe tanto que delimita o nosso tempo hoje; é essa questão de digitar a nota aí nesse sistema que o estado incluiu de uns tempos pra cá. Então, essa questão de digitar a nota, fazer o diário...

J.M. – Fazer o diário toma tempo?

C.C. – Toma, porque você tem que pôr o conteúdo, você tem que fazer a chamada, ver quem está presente, aí aparece lá um aluno que faltou hoje, mas ele entrega o atestado médico dele lá não sei aonde, aí você tem que dar falta abonada, justificada, tem que colocar. Não é legal. Apesar de que, por conta da experiência, nesse início eu era muito pior em termos de diário, com a experiência a gente já começa na sala de aula tentando resolver isso. Porque a Sociologia, só esse ano que nós temos dois tempos de aula no primeiro ano, dois tempos de aula no segundo ano e dois tempos de aula no terceiro ano. Até o ano passado tinha um tempo de aula no segundo ano, dois no terceiro e dois

no primeiro. Nos anos passados, atrasados, era um tempo no primeiro, um no segundo e dois no terceiro. Não tinha tempo hábil de você organizar nem o diário na sala de aula com o tempo de aula. Era muita correria. Hoje com esses dois tempos, você ainda consegue fazer a chamada, você consegue na mesma aula colocar o conteúdo do ladinho tudo certinho.

J.M. – Ah, então, você já vai fazendo na aula?

C.C. – Hoje dá, com dois tempos dá, mas com um tempo era muito difícil você organizar o diário naquele um tempinho ali. Então, o que é chato pra mim é a questão administrativa. Tudo você tem que escrever, tudo você tem que dar satisfação. Isso é complicado.

J.M. – Para quem você dá muita satisfação? É coisa impessoal, tipo sistema, lançar nota, ou diretor, coordenador pedagógico?

C.C. – Coordenador pedagógico é o que fica cobrando o tempo todo ali, porque ele também é pressionado e tem que ser tudo pra ontem, se tivesse um prazo maior: “Ah, tem uma campanha que a gente tem que desenvolver o tema sobre abuso sexual infantil”. Aí eles lembram da área: “A área de humanas vai desenvolver esse projeto aqui”. “Pô, mas por que a gente vai desenvolver? Está no programa do bimestre?”. Às vezes uma campanha que surge do nada, eles querem que a gente desenvolva e aí gente pode desenvolver ou não. Às vezes eu entro nessa. Eu dou aula para uma escola que tem um curso normal, o ano passado, esse ano eu não entrei na campanha, mas o ano passado teve essa campanha sobre abuso e exploração infantil e aí eles pediram: “Carla, você podia desenvolver com as turmas de formação de professores um projeto sobre esse tema”. Mas aí não tinha nada ver, eu tinha que encaixar com aquilo que eu estava dando ou fazer um paralelo para esse projeto. E esse projeto vem da Secretaria de Educação, vem de fora, e quem cobra? A coordenação pedagógica. Aí eu aceitei fazer e ficou até bom, ficou bom, mas é algo a mais.

J.M. – Você tem impressão que hoje em dia, comparado com o início da sua atividade como professora, tem mais controle sobre o seu trabalho? Tem mais exigências burocráticas que você tem que cumprir? Ou sempre foi assim?

C.C. – Tem mais exigências. Exemplo, essa questão eletrônica de você digitar a nota.

J.M. – Que em tese é pra facilitar, né?

C.C. – Em tese é pra facilitar, mas não facilita, porque o que conta na nossa cabeça como professora é que nosso diário é tudo, você tem que ter o seu diário impecável, porque se um responsável for a escola e ele quiser saber a nota do seu filho, o diário vai

estar ali. E nessa questão do digitar, você pode errar. Você não pode errar na hora da digitação? Não tem ninguém pra ver. Se você errar, isso não aconteceu comigo, mas já aconteceu com colegas, por exemplo, o aluno tira 4 pontos no bimestre, aí você digitou 5 pontos para o aluno, mas o aluno não falou que está com a nota errada. Ele ficou com os 5 lá e estava feliz, porque está na média, 5, só que aí lá no final do ano, o professor viu que estava errado e corrigiu, e aí nessa de corrigir, ele fica reprovado. Dá a maior confusão. Aí o responsável fala que o que vale é o que está digitado, aí o diretor entra no meio, aí o diário já não vale mais nada, o que vale é o que está digitado. Outra coisa, comigo não aconteceu, você digita suas notas e aí não sei o que acontece no sistema, as suas notas aparecem todas erradas, ou então, somem. O seu trabalho que você fez foi desfeito e você tem que fazer tudo de novo. Antes tinha as avaliações externas, isso também incomodava muita gente, porque a escola parava para as avaliações externas e as nossas avaliações do dia a dia não davam tanta importância, mas, com as últimas greves que tiveram, isso foi tirado. Não tem mais essas avaliações externas, só tem uma que ainda para, geralmente, só o terceiro ano que faz.

J.M. – Você tem hoje em dia mais reuniões de equipe com coordenação do que você tinha antes?

C.C. – Não, menos. Reunião de equipe sempre foi um problema na rede estadual. Eu não vejo nenhum progresso do ontem e do hoje e nenhum retrocesso. Sempre foi um problema. Por quê? Professor na rede estadual sempre dá aula em duas escolas ou mais, difícil um professor que dá aula em uma escola só. Tem professores ainda que não são só professores, no meu caso, eu sou só professora, mas eu tenho um colega que é taxista, então, ele tem uma outra função. Para se fazer uma reunião pedagógica num determinado dia num determinado horário é complicado, porque às vezes naquele dia naquele horário, ele está exercendo uma outra função. Então, sempre foi um problema. O que hoje eu vejo que piorou, porque a gente sempre tinha uma prioridade para o conselho de classe, estar no conselho de classe sendo o seu dia ou não. Antes a gente priorizava isso, o conselho de classe poderia cair num dia que não era o meu e numa hora que não era a minha, eu conversava com a direção da escola, eu podia trocar, fazer algum tipo de acordo para eu estar nesse conselho de classe. Isso era muito fácil fazer no passado.

J.M. – Hoje em dia não?

C.C. – Não. Hoje em dia é mais difícil. Hoje em dia o conselho é dividido em vários dias. Geralmente, tem aula, meio expediente, metade tem aula e a outra metade tem

conselho de classe. E nesse conselho com essas horas reduzidas é muito difícil conversar sobre a situação dos alunos, ainda mais sobre a questão pedagógica.

J.M. – Você sente falta de conversar mais com os seus colegas sobre a questão pedagógica?

C.C. – Com certeza. Se a gente conversasse mais com os colegas, fizesse mais reuniões diárias, as nossas aulas poderiam ser mais ricas, poderíamos não cometer alguns erros. As nossas provas poderiam ser mais padronizadas em vez de cada professor seguir aquilo que acha que é correto, poderia ter um padrão melhor. Colegas que não são formados na área poderiam estar mais seguros do que estão fazendo. Esses colegas que não são formados na área, muitas vezes, a gente consegue ajudar só na hora do intervalo: “Ah, Carla, eu estou dando isso aqui, porque às vezes eles têm uma insegurança”. Se tivesse uma reunião diária, poderia ter um planejamento unificado, seria melhor. O professor ainda ia ter a liberdade de fazer aquilo que ele quisesse? Até teria, mas em cima de um padrão, em cima de uma base comum. Ia ser muito melhor.

J.M. – Falando em erro que se comete, na tua experiência se você pudesse dizer “essa foi a experiência mais infeliz que eu tive dando aula” e “essa foi a experiência mais gratificante”, você conseguiria lembrar? Uma turma ou uma prática que você: “Olha, isso eu acertei, realmente, é uma coisa que dá muito certo” e “isso aqui tem um tempo que eu não faço mais...”.

C.C. – O que eu não faço mais é ser tão rigorosa em regras em sala de aula.

J.M. – Disciplina?

C.C. – Disciplina. No início eu era muito, acho que era por conta da inexperiência, eu entrava na sala de aula...eu não faço mais essa coisa da disciplina pela disciplina, a minha disciplina se reduziu em duas regras: não conversar quando eu estou dando aula, porque são 40, isso eu sempre falo com eles: “Olha, o que eu vou chamar atenção de vocês diretamente, chamando pelo nome e tudo, é a conversa. Conversou não dá”. E quando for sair, pedir licença pra sair, beber água e tal. Hoje eu tenho essas duas regras. Então, a questão da disciplina eu diminui bastante. Outras que eu tinha..., por exemplo, é proibido celular na sala de aula por lei.

J.M. – Mas você não conseguiu nunca implementar essa.

C.C. – Não, isso aí...o máximo que eu faço é falar: “Coisas que prejudicam vocês, como celular, isso aí não me prejudica, porque se vocês filmarem ou gravarem e colocarem na rede eu também posso entrar com algum recurso legal contra vocês, porque vocês não me pediram, mas prejudica vocês. Vocês dormindo em sala de aula não vai me

prejudicar, mas prejudica vocês. Vocês fazendo outra tarefa que não seja a minha em sala de aula, não me prejudica, mas prejudica vocês”. Essas regras eu falo com eles, eu falo que eu não vou chamar a atenção deles, mas eu vou anotar, aí eu anoto no diário “fulano dormiu a aula toda”, “ciclano no celular”. Isso eu faço no diário.

J.M. – Que conta na nota de participação.

C.C. – Conta na nota de participação, conta quando o responsável vai lá querer saber por que ele tirou uma nota abaixo da média.

J.M. – Os responsáveis vão muito lá?

C.C. – Alguns sim, tem reuniões de responsáveis. Nesse lugar que a gente dá aula ainda tem isso, as famílias são presentes, poderia ser mais, mas ainda tem se for comparar com outras realidades. Então, eu ainda faço essas minhas anotações. Então, disciplina eu não mudaria de jeito nenhum.

Agora, aula que dá certo é aula que tenha mais alguma coisa sem ser os textos. A música. Tem que dar oportunidade de participação.

J.M. – Eles gostam?

C.C. – Eles gostam. Tem que ter o direito de falar o que eles pensam sobre o assunto. Isso dá certo. E tem que ter algo mais. Se você leva uma música interessante, um documentário, um filme, eles gostam. Tem que ter algo mais do que os textos. Por exemplo, quando eu vou falar de cidadania, eu coloco lá: “Ô, pacato cidadão, eu te chamei atenção não foi à toa, não”. Quando eu dou aula pra mesma turma no ano seguinte, por exemplo, isso é matéria de segundo ano, no terceiro ano eu falei: “Vocês estudaram cidadania no ano passado, não estudaram? ”. Eles podem não lembrar nada, mas: “Ah, professora, pacato cidadão, né? ”. Eles lembram da música. Eu falo da questão do cidadão de papel, lembro aquele livro³ do Dimenstein sobre cidadão de papel. Aí eu levo um bonequinho de papel. Isso dá certo.

J.M. – Só para terminar essa parte sobre suas concepções de aula, que relação você vê entre a Sociologia que você ensina e a Sociologia que você aprendeu? É muito diferente? Tem uma transposição? Como é que é?

C.C. – É diferente. Na graduação, a Sociologia é mais densa em termos de conteúdo, em termos de linguagem. É uma Sociologia muito densa. E nós como professores temos que fazer essa transformação e ela não é tão simples, porém vale a pena. A minha formação é da UFRJ, eu sinto na minha formação essa questão dos clássicos muito

³ DIMENSTEIN, Gilberto. *O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil*. São Paulo: Ática.

presente. Talvez eu tenha mais dúvidas, mais dificuldades nas questões contemporâneas de pegar os sociólogos mais modernos, mas nos clássicos essa base é boa. Mas, pra passar em sala de aula, você tem que não só saber, você tem que ver uma linguagem adequada pra passar para os alunos, principalmente, buscar exemplos no dia a dia deles, coisa que na faculdade a gente não tem.

J.M. – Você pode ficar na abstração.

C.C. – É. Abstração no Ensino Médio é a coisa mais difícil que tem, principalmente, na rede pública, muito difícil. Sem contar às vezes alunos que têm algum tipo de adaptação a fazer, aí fica mais complicado ainda. Mas eu não acho que é ruim essa formação universitária; é necessária e talvez seja necessário ser desse jeito mesmo. Você pega toda aquela questão densa, tudo aquilo ali, você lê...tanto é que eu lembro, assim, recém-formada, a pessoa fala pra você escrever um texto, você não consegue escrever um textinho, você está tão habituado e numa simples prova...eu lembro muito bem, um professor fazia uma única pergunta e você tinha que escrever quatro folhas daquela pergunta. E você quando termina a faculdade, você sai assim, você não é tão simples quando fala, quando escreve, você escreve tudo daquele jeito. Aí pra você chegar numa sala de aula e não exigir isso dos nossos alunos é complicado, você tem que uma vez falando, tornar isso claro pra eles e ficar contente se eles conseguem em três, cinco linhas escrever alguma coisa daquilo que você falou.

J.M. – Aliás, você hoje está fora da universidade, antes de você entrar na pós, você lia textos de sociólogos? Você procurava ler, saber o que estava rolando na área?

C.C. – Menos, mas eu deveria buscar. Na verdade, eu só buscava coisas que tinham interesse para sala de aula, relacionadas à sala de aula somente, temas que poderiam me ajudar em sala de aula, mas mais geral nem tanto, eu não pegava. Só depois da formação continuada que sim, eu tive que me atualizar.

J.M. – Foi em que ano a formação continuada?

C.C. – Uma foi essa online, a pós foi o ano passado.

J.M. – Então, vamos falar da pós, você começou em que ano? Foi em 2017?

C.C. – Foi o ano todo.

J.M. – Era à noite?

C.C. – À noite, dois dias da semana, segunda e quarta-feira.

J.M. – Quantas disciplinas você teve que fazer?

C.C. – Acho que umas oito, depois eu vou confirmar, porque tinha duas cada tempo, eram módulos.

J.M. – E qual era o seu tema de pesquisa?

C.C. – O meu tema de pesquisa era o uso do livro didático de Sociologia por professores de Xerém em duas escolas.

J.M. – Ah, você comparou, era nas duas escolas que você trabalhava?

C.C. – Era nas duas que eu trabalhava.

J.M. – Só os professores de Sociologia?

C.C. – Só.

J.M. – E o que você descobriu?

C.C. – Eu descobri que todos os professores usam o livro didático, porém uns usam diretamente em sala de aula, mas a maioria usa indiretamente, preparam as suas aulas, pegam um exercício de lá, fazem uma síntese usando o livro didático, mas não levam para a sala de aula. Os professores que não são formados em Sociologia - são formados em outra disciplina, mas dão aula de Sociologia - usam o livro didático pra sua própria formação.

J.M. – Ah, eles estudam pelo livro didático.

C.C. – Estudam pelo livro, enquanto que os outros que são formados em Sociologia, eles ainda pegam os clássicos, pegam alguns textos que são da academia para aprofundar, coisas que os que não são formados não fazem.

J.M. – Não, eles usam o livro didático como fonte de informação para eles.

C.C. – Para eles.

J.M. – Interessante isso.

C.C. – Os professores que não são formados na área não escolhem o livro didático. Agora a gente tem a oportunidade de escolher dentre aqueles que são recomendados, os que não são formados veem que isso não é competência deles. Eles não escolhem, eles deixam para o pessoal da área, eles só acatam a escolha.

Nas duas escolas que eu pesquisei, à noite não chega livro didático para os alunos, eu pensei que isso fosse uma regra geral, mas o avaliador, quando eu apresentei a monografia, falou que isso não é uma regra, porque na escola que ele dá aula chega livro à noite. Então, esses professores, além de não usarem em sala de aula, têm essa limitação dos alunos não terem acesso ao livro didático. Há uma relação muito grande entre o livro didático e o currículo mínimo. Os professores escolhem o livro didático tendo em vista o currículo mínimo, aqueles que mais atendem ao currículo mínimo são aqueles que têm uma tendência maior de serem escolhidos. Mas isso não é uma coisa só

nossa, outros pesquisadores já viram isso fora do Rio de Janeiro, essa associação entre o currículo do estado e a escolha do livro didático.

J.M. – E você fez uma pós-graduação trabalhando bastante, como você organizava a sua rotina pra fazer pesquisa, entrevistar, escrever?

C.C. – Foi superdifícil. Primeiro eu moro longe, eu moro na Baixada. Acho que só deu, porque eu moro perto, eu moro em Duque de Caxias, Xerém, e as escolas que eu dou aula são em Duque de Caxias, Xerém. Então, eu tinha que me deslocar de lá até a Praia Vermelha esses dois dias, a dificuldade está aí em termos de transporte.

J.M. – Você ia de carro ou de ônibus?

C.C. – Ônibus.

J.M. – Você lia no ônibus pra agilizar um pouco?

C.C. – Não, não consigo, nem no tempo de faculdade eu fazia isso. Agora, caiu numa segunda-feira, dia que eu não dou aula, isso já foi positivo. E eu nem sabia, porque a princípio seria terça e quinta, acabou numa segunda e quarta, isso facilitou, porque eu podia chegar cedo. Eu fazia muito isso, chegava cedo na Praia Vermelha e os textos que os professores estavam dando, que a gente tinha que dar conta pra aula, eu até lia nesse tempo que eu chegava cedo.

J.M. – Na Praia Vermelha mesmo.

C.C. – Na Praia Vermelha. Agora, os trabalhos eram nos finais de semana, feriado. O trabalho final pra eu dar conta de terminar a monografia, eu tive que seguir um cronograma muito apertado. Em novembro do ano passado, eu estava entrevistando meus colegas que muitos eu não conhecia, por que eu não conhecia? Justamente por falta dessas reuniões pedagógicas. Os professores da noite eu não tenho contato, eu dou aula hoje só de manhã. Então, essa monografia fez eu me aproximar desses professores, que são colegas, mas a gente não tem contato, são poucos. Por exemplo, em cada escola eram quatro professores, me tirando. Desses quatro professores, dois e dois eu não tinha contato nenhum, só tive contato nas entrevistas. Tive facilidade de entrevistar, já que eram professores da escola, eram meus colegas, então, eu não tive problema assim, por exemplo, que você possa ter de ter contato com a gente, todo um caminho a percorrer pra que você chegue até a gente, isso eu não tive. Foi tranquilo. Tive que colocar minha irmã pra fazer as transcrições. Se dependesse de mim para fazer as transcrições das entrevistas, acho que até agora eu estava fazendo, porque era muita coisa.

J.M. – Tua irmã é bem camarada [risos].

C.C. – Bem camarada. Quando eu terminei em novembro, o nome da minha irmã é Arari, eu falei: “Arari, você vai transcrever...”, eu não tinha escrito nenhuma linha da minha monografia ainda, “...você vai transcrever tudo isso aqui do jeito que você quiser, você escuta...”, eu não quis tudo formatadinho, senão eu ia assusta ela, “...você não precisa formatar, você escreve como você quiser”. E aí ela deu conta, quando eu estava já terminando o meu terceiro e último capítulo, ela já estava terminando também de transcrever e o meu terceiro capítulo é que era pra eu analisar as entrevistas. Tive essa ajuda. Tive que ficar no mês de janeiro, que é o mês das minhas férias, tive que ficar pelo menos 15 dias escrevendo o trabalho, 15 dias sem férias, só escrevendo direto, aí nos outros 15 dias eu viajei. No carnaval, tive que abrir mão também pra continuar escrevendo. Isso tudo pra terminar. Eu já terminei, tenho colegas que ainda não terminaram e o prazo limite é final desse mês, não sei se vão conseguir. Ou seja, abri mão de momentos de descanso, de lazer, tive ajudas outras, senão eu não eu ia conseguir. Se fosse só eu mesma no pouco tempo que eu tenho não ia dar.

J.M. – Você estava fora também dessa coisa de escrever trabalhos longos há muito tempo, né? Porque a sua escrita era basicamente preencher caderno de classe, anotar uma coisa aqui e ali, de repente você tem que escrever uma monografia de 80, 90, 100 páginas. Como é que era pra você escrever? Uma página em branco, fazer um esquema, como é que era?

C.C. – Superdifícil. Primeiro que assim o meu primeiro capítulo foi uma análise de trabalhos já feitos nesse meu tema.

J.M. – Uma revisão bibliográfica.

C.C. – Então, eu tive que ler isso, aí me acostumar de novo com essa leitura, uma leitura acadêmica que é toda diferenciada, tive que ler, fazer os fichamentos disso pra depois eu fazer a síntese que seria para o meu trabalho. Era muita leitura que eu tinha que fazer e tinha que ler aquilo ali mais de uma vez pra eu entender, fazer esse fichamento e depois pra eu fazer meu trabalho. O primeiro capítulo da minha monografia foi o mais difícil por conta disso. Eu tive que refazer várias vezes, porque pra eu escrever o primeiro capítulo eu pensei que eu poderia escrever como fichamento, eu nunca tinha feito um trabalho acadêmico nesse porte de uma monografia, fiquei muito tempo afastada. Então, eu escrevi como se fosse um fichamento, mas aí a Júlia que estava me orientando pediu para eu refazer e aí com a ajuda dela, quando ela me mostrou qual era o caminho que eu tinha que refazer aquilo, aí eu fui refazendo tudo nos moldes que ela tinha pedido. Então, leitura, fichamento, a orientadora ajudando, eu acho que não seria possível se eu

não tivesse uma orientadora, se essa orientadora fosse um pouco mais distante, eu não conseguiria.

J.M. – Ela ficou em cima ali.

C.C. – É, foi legal. Ela deu o caminho o certinho e aí eu só segui. Talvez eu poderia conseguir se eu não tivesse orientadora, mas ia ser muito mais penoso. E aí eu fazia no computador, escrevia tudo o que eu pensava de qualquer jeito e depois eu ia arrumando, também tinha isso. Às vezes eu estava no primeiro capítulo, mas já estava pensando no segundo capítulo que era a análise das escolas que eu pesquisei e dos professores, então, fazia um primeiro capítulo que era mais teórico e também pensava no segundo, tinha isso. Mas foi superdifícil.

Um dos meus avaliadores também quando fez CESPEB [Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica – UFRJ], que foi a pós-graduação que eu fiz, ele contou essa experiência lá, ele também era professor da escola básica e ele falou que foi mais difícil fazer a monografia do que a dissertação de mestrado dele.

Eu penso até em fazer mestrado, eu acho que eu vou ter essa sensação também, que o meu mestrado deve ser mais fácil do que essa monografia, justamente, pelas condições de trabalho, de tempo e de distância da minha formação pra quando eu pude fazer a pós-graduação. E aí dessa pós-graduação, eu tive um outro exercício agora de fazer um artigo. Eu transformei a minha monografia em um artigo.

J.M. – Já saiu?

C.C. – Não saiu. Eu submeti para o encontro que vai ter agora de Sociologia, ENSOC [Encontro Estadual de Ensino de Sociologia]. Eles vão avaliar se vai entrar ou não no encontro agora em agosto, não sei se vai ser aprovado, mas eles lá mesmo que falaram: “Olha, Carla, sua monografia ficou boa, você podia transformar em um artigo”. Que é um outro exercício, porque pra transformar uma monografia em um artigo, uma coisa que eu não sabia, porque pra mim poderia ficar o mesmo nome da monografia, aí a Júlia falou assim: “Não, Carla, melhor você mudar o nome, porque melhora o seu currículo”. O nome foi parecido, mas não foi igual. E a linguagem também lá dentro, tinha que falar de estudo de caso, eu tinha que o tempo todo me referir à minha pesquisa e resumir o que tinha de mais importante, os resultados. Transformei a monografia que era de 70 páginas em 10 páginas.

J.M. – Mas parabéns que você terminou, né?

C.C. – Foi um exercício, foi 2 em 1, eu fiz uma monografia e um artigo, eu achei isso bom.

J.M. – Voltando à questão da escola, você só atuou como professora ou você já chegou a ter cargo em escola?

C.C. – Não, por conta dessa minha aversão à questão administrativa. Na verdade, eu já tive a matrícula administrativa, a primeira matrícula pública foi agente de pessoal. Eu era agente de pessoal, mas eu não gostava. Pra mim numa escola a melhor função é ser professora. Todas as outras não me agradam.

J.M. – Com relação aos seus hábitos, fora o que você tem que ler pra sua aula, você consegue ler livro, jornal? Tem tempo?

C.C. – Gosto muito de ler artigos.

J.M. – Científicos?

C.C. – Não, não científicos, tipo análise de conjuntura do que está acontecendo de determinados amigos, professores até, que analisam a realidade, eu gosto de ler isso. Geralmente, eles lançam em determinados blogs.

J.M. – Você segue algum especificamente, ou não, o pessoal vai te mandando e você vai lendo?

C.C. – É, porque são meus amigos assim nas redes sociais, então, eu acesso os blogs deles.

J.M. – Você usa bastante as redes sociais? *Facebook*...

C.C. – Uso, mas não com os alunos.

J.M. – Não mantém interação.

C.C. – Nenhuma, não gosto de interação com os alunos nem no *Facebook*, nem no *WhatsApp*. Eu gosto de contato com aluno assim tem um representante de turma, aí o representante de turma...não tenho muito contato.

Agora, sobre leitura, jornal, pouco, mais revistas, por exemplo, *Ciência Hoje*. Por exemplo, estou fazendo um trabalho com o professor de Biologia, então, ele indica. Ou então, livros da nossa área mesmo, por conta dessa pós-graduação, eu estou pegando esses livros do Pensamento Social Brasileiro pra reler, livros que eu li na graduação. Mas pra me manter atualizada, eu não pego o jornal, eu pego esses blogs aí que os colegas ficam comentando a realidade, eu acho melhor, não sei.

J.M. – O *Facebook* você usa basicamente pra isso ou também interagir com amigos?

C.C. – Também interagir com amigos. Minha rede de amizades no *Facebook* é pouca pra não ficar todo mundo, eu tenho alguns amigos que tem um pensamento completamente diferente daquilo que eu acredito, eu gosto deles ali, porque eu gosto de ver essa corrente mais diferenciada só pra fazer um contraponto. Tenho *Facebook*

também por conta dos alunos, por exemplo, eu tive *Facebook* por conta dessas jornadas de 2013, foi daí eu que tive *Facebook*, antes eu nem tinha, não gostava, porque tudo o que acontecia, acontecia nas redes sociais, os convites, as informações, aí eu falei: “Tenho que entrar. Como eu vou comentar em sala de aula se eu não sei o que está acontecendo? ”. Aí o *Facebook* também é pra isso, pra eu ver o que está acontecendo, os memes, comentar, porque às vezes os alunos comentam e eu não estou sabendo, aí eu gosto de ver e aí fazer algum tipo de contraponto.

J.M. – Mas você disse que não interagia com os alunos no *Facebook*.

C.C. – Não, mas memes que outros na rede dos meus amigos colocam lá e que todo mundo fica sabendo, porque é uma coisa altamente divulgada.

J.M. – E, Carla, o que você sente falta? O que você gostaria de fazer como professora de Sociologia que você não consegue fazer?

C.C. – Como professora?

J.M. – Ou como socióloga, na sua profissão em geral, algo que você gostaria de fazer, mas que você não tem tempo ou algum outro motivo.

C.C. – O que eu gostaria de fazer é o que eu tentei com essa pós-graduação: estudar mais, mas sem grandes...porque essa pós-graduação me deixou um pouco...

J.M. – ...traumatizada.

C.C. – Não é traumatizada, mas o meu nível de ansiedade aumentou bastante por conta de muitas coisas. Ter mais tempo, ter mais tempo pra estudar, eu gostaria de ter mais tempo pra estudar. Olha quanto tempo eu demorei pra chegar na pós-graduação depois de formada, muito tempo, porque você tinha que ter todo um equilíbrio pra voltar a estudar. Essa questão do transporte, essa questão de se dedicar ao estudo, eu só consegui agora, coisa que muitos poderiam ter conseguido antes. Se eu não trabalhasse, eu poderia ter conseguido antes, se eu não precisasse trabalhar. O trabalho poderia ser um trabalho mais tranquilo em termos de horário, em termos de remuneração pra dar condições pra eu estudar mais. Eu gostaria de estudar mais com mais tranquilidade não com tanta tensão. Tensão em termos de transporte, tensão em termos do econômico, tensão em termos de tempo pra você se dedicar àquilo. Ou seja, tinha que ter uma qualidade maior no trabalho.

J.M. – No caso, você mora sozinha? Você é casada?

C.C. – Não, não sou casada, eu moro com a minha família, com pai e mãe e meus irmãos moram próximo, mas mesmo assim tive dificuldades. Acho que se eu fosse casada ia ser muito mais difícil. Eu não consigo nem imaginar essa questão, porque ser

mulher, ser mãe, acho que ia ser muito mais complicado, só se tiver uma rede de ajuda. Eu mesmo solteira tive que ter minha irmã pra me ajudar nessa transcrição, se tiver uma rede de apoio familiar, tá, mas difícil. Então, o que eu gostaria é de um trabalho melhor, que te valorizasse melhor, que eu tivesse mais tempo pra isso. No serviço público até tem mecanismo pra isso, tem lá uma licença sem vencimento que a princípio seria pra você fazer um mestrado que a princípio você teria uma bolsa pra te manter ali. Mas essa licença sem vencimento eles não autorizam o professor tirar, porque tem falta de professor na rede, então, essas licenças são quase impossíveis, pode até conseguir tirar? Pode, mas é difícil. Geralmente, a licença hoje na educação pública estadual que é concedida é quando a mulher fica grávida, tem essa por lei, mas aí ela pode emendar com a licença-prêmio, por exemplo, aí eles concedem. Mas eu vou pedir uma licença-prêmio, que seriam 3 meses, a cada 5 anos, 3 meses, eles não autorizam, por conta justamente da falta de professor. É isso.

J.M. – Carla, passamos por tudo aqui, eu queria te agradecer o teu tempo e a tua disponibilidade. Obrigada.

C.C. – Por nada, eu que agradeço.

[FIM DO DEPOIMENTO]